

Fundamentalismos: Entre a Casa da Paz e a Casa da Guerra

Fundamentalisms: Among the House of Peace and the House of War

*Eduardo Antônio Bonzatto**

*Leandro Ortunes***

Resumo

Através de uma breve análise histórica sobre o fundamentalismo, apresentaremos as vertentes resultantes de um processo de conflitos e reformas vivenciados dentro do islamismo. Isso permitirá identificar algumas particularidades na interpretação do Corão e nos objetivos políticos e religiosos que cada grupo fundamentalista defende. Para garantir uma análise ponderada sobre o assunto, nos basearemos em alguns textos de Bernard Lewis e Edward Said. Esses autores, por muitas vezes, são conflitantes em suas ideias, mas suas críticas são, inegavelmente, de grande importância para uma melhor compreensão do tema. Por fim, poderemos observar que o fundamentalismo é um movimento recente e não necessariamente violento. Por este motivo também exploraremos o conceito de Casa da Paz e Casa da Guerra, destacando algumas formas de interpretação que se distanciam do senso comum ocidental.

Palavras-chave: *Dar al Islam*. *Dar al Harb*. Fundamentalismo muçulmano. Islamismo.

Abstract

This paper presents a brief historical explanation of fundamentalism, will be presented the strands resulting from a process of conflict and reform within Islam. This will identify some peculiarities in interpretation of the Koran and the political and religious objectives that each fundamentalist group. To ensure a weighted analysis of the subject, the will base in some texts by authors who are often conflicting in their ideas, as Bernard Lewis and Edward Said, but undeniably, his criticisms are of great importance for a better understanding of the topic. Fundamentalism is a recent and not necessarily violent movement. For this reason, we will also explore the concept of House of Peace and House of War, highlighting some forms of interpretation that move away from the western common sense

Keywords: Dar al Islam; Dar al Harb; muslim fundamentalism; Islam.

Introdução

Nos últimos anos, mais precisamente após aos atentados ao World Trade Center, em 2001, muitos noticiários buscam explicar o fenômeno do

* Doutor e mestre em História (PUC-SP), professor na Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: cabonzatto@ig.com.br

** Doutorando e mestre em Ciências Sociais (PUC-SP), especialista em Ciências da Religião (PUC-SP) e em Relações Internacionais (FAAP), pesquisador do MIRE (Grupo de estudos sobre mídia e Religião – UMESP). E-mail: leandroortunes@uol.com.br

fundamentalismo muçulmano. Na academia isso também não é diferente, pois vários debates e disciplinas específicas sobre o mundo muçulmano ganharam espaço na tentativa de trazer novas formas de reflexão sobre este assunto. Uma vez que vivemos em uma era chamada de Globalização, momento em que inevitavelmente as culturas se tocam, é de grande importância buscarmos formas mais profundas de conhecer “o outro”. Evidentemente, também é necessário situar na história quais foram os fatos que marcaram a origem deste movimento ou que influenciaram, de alguma forma, esse conflito ideológico, político e religioso. Por este motivo, antes de iniciar nossa análise, é necessário descrever sobre a origem do termo fundamentalismo, uma vez que este termo é originou-se no protestantismo norte-americano:

Para compreender o fundamentalismo é necessário, portanto, levar em conta a complexidade de significados que o conceito adquiriu em sua trajetória na história, as diferentes significações que a palavra desenvolveu e, principalmente, as diversas aplicações no contexto social, político e religioso atual. (Ornelas, 2002, p. 20)

Durante o século XX, a sociedade norte-americana presenciou um grande avanço tecnológico e científico, retomando assim os valores do Iluminismo europeu e criando atritos com movimentos religiosos. Por exemplo, a teoria de Darwin estudada na academia que contradiz todo o criacionismo bíblico foi refutada pelos religiosos, culminando no em um julgamento conhecido como processo dos macacos (Vasconcellos, 2008). O professor de biologia John Scopes foi acusado de violar a lei presente em vários Estados que proibia o ensino da teoria da evolução. Além deste fato, questões como aborto, liberdade sexual e a busca pelo *American Way of life* ganhavam destaque na mídia, principalmente nos filmes de *Hollywood*, provocando um estranhamento entre os religiosos e a sociedade secular-liberal. Os estudos teológicos também sofreram grandes transformações neste período. Na Alemanha, no início do século XX, desenvolveu-se a teologia liberal que contesta a literalidade dos fatos descritos na Bíblia provocando uma grande reação conservadora que defendia a literalidade e na inerrância bíblica. Mediante a esta pluralidade de novos fatores, os protestantes norte-americanos lançaram campanhas contra o movimento progressista, buscando retomar o cenário dos tempos antigos baseados nos fundamentos da religião, no livro sagrado, no afastamento do mundo secular, na

missão de conversão de fieis, mediante a ênfase no juízo final.

Percebemos que, após uma experiência progressista vivenciada pela sociedade norte-americana, o fundamentalismo foi uma tentativa de retorno aos tempos antigos, através da reafirmação de valores conservadores:

Fundamentalismo é um fenômeno marcante moderno, expressão de uma reação às influências da globalização e do pluralismo. Ao acentuar dissonâncias cognitivas, o pluralismo provoca em indivíduos ou grupos um sentimento de insegurança significativamente ameaçador para a plausibilidade de sua inserção no mundo. (Teixeira, 2008, p. 73)¹

Por este motivo, o mesmo termo também passou a ser aplicado à uma vertente do islamismo, pois também foi um movimento que se contrapôs aos novos valores vivenciados pelo mundo muçulmano.

Não é fácil datar com precisão quais foram os primeiros choques culturais que promoveram o fundamentalismo muçulmano, mas podemos iniciar nossa análise a partir do período da expansão marítima no século XV. Evidentemente, o período anterior ao século XV já era marcado por alguns conflitos entre cristãos e muçulmanos, no entanto, por uma questão metodológica, partiremos de um período mais recente, tendo como ponto de partida a decadência política e econômica do império muçulmano que se expandia consideravelmente desde o século VII.

Por muito tempo, o comércio entre a Europa ocidental e o Oriente tinha como principal entreposto a região do Mediterrâneo. Vários intermediários eram responsáveis pela promoção deste intercâmbio comercial que, por sua vez, encarecia o preço da mercadoria. Por exemplo, Genova e Veneza, por muito tempo, detiveram o monopólio deste comércio entre Ocidente e Oriente, tornando-se cidades ricas, tendo um grande papel na renovação da ciência na Europa. Todo este fluxo de comércio foi freado em 1453 E.C., com a queda de Constantinopla, que até então era o último legado do famoso Império Romano, dividido em 395 E.C. Com a conquista do Império Otomano sobre Constantinopla, as rotas comerciais que passavam pela região do antigo Império Bizantino foram “bloqueadas”. Pesados tributos deveriam ser pagos pelos europeus aos turcos, caso desejassem continuar a comercializar

produtos com o Oriente, o que acabou inviabilizando o comércio entre o Ocidente e Oriente.

O Império Otomano era agora a principal potência militar e naval no Mediterrâneo Oriental e também no Mar Vermelho, e isso o pôs em conflito potencial com os portugueses no Oceano Índico e os espanhóis no Mediterrâneo Ocidental. (Hourani, 2006, p. 224)

Foi justamente este conflito que favoreceu a Era dos Descobrimientos. Além de descobrirem novas rotas nesta expansão, os ocidentais encontraram outras fontes de riquezas, como ouro e especiarias que agora viriam das Américas. Isso promoveu um enriquecimento massivo de algumas potências europeias, o que realimentava o estudo e a pesquisa. Por outro lado, a expansão marítima ocidental deu início a uma drástica queda de renda para o Império Otomano.

A partir do século XVII, de fato, os três grandes impérios muçulmanos – Otomano, Indiano e Persa – entraram em declínio por causa da pressão das potências coloniais europeias e da concomitante crise econômica e demográfica que os atinge. A idade da decadência fica marcada por uma progressiva fragmentação do poder local [...] (Pace; Stefani, 2008, p. 55)

O movimento imperialista do Ocidente foi um dos primeiros fatores para que o império árabe declinasse. A partir deste momento, muçulmanos passaram por reformas e algumas tentativas de restabelecer a Era de Ouro vivida, mas a supremacia econômica ocidental alterou as relações entre Ocidente e Oriente e criou novos conceitos de governo e cultura fragilizando as potências muçulmanas. Segundo Jayme Weingartner Neto, o impacto da colonização ocidental foi extremamente negativo para os povos que seguiram os valores ocidentais:

A modernização do mundo não europeu, colonizado pelo Ocidente, foi tardia, rápida e brutal, além de não ser acompanhada de uma emancipação social ou política como na Europa Ocidental [...] Imperialismo e colonização tiveram, em geral, efeitos negativos para a sociedade e economias nativas. Sendo difícil romper o ciclo de dependência. (Weingartner, 2006, p. 117)

Pode-se observar o ponto de partida para o revanchismo muçulmano contra o Ocidente, defendido por alguns fundamentalistas, pois a colonização ocidental se chocou com vários dos valores pregados pelo Islã. “Os muçulmanos viam a

modernidade como uma força alienígena, invasiva, inextricavelmente associada com a colonização e dominação estrangeira” (Armstrong, 2001, p. 120).

Tentou-se romper este ciclo de independência através de alguns movimentos nacionalistas, mas estes não obtiveram o mesmo sucesso que o nacionalismo europeu. Após o movimento nacionalista tomar forma na Europa, outro movimento impactou drasticamente o mundo muçulmano e também mostrou sua fragilidade perante as potências europeias:

A fraqueza relativa das maiores potências islâmicas já fora revelada em certo sentido pela primeira expansão europeia na Ásia, quando até países pequenos como Portugal e os Países Baixos foram capazes de se consolidar nos mares e nos litorais a despeito das potências muçulmanas. A impotência do mundo face à Europa foi evidenciada de modo flagrante em 1798 quando uma força expedicionária francesa, comandada por um jovem general chamado Napoleão Bonaparte, invadiu, ocupou e governou o Egito. (Lewis, 2002, p. 39-40)

A conquista de Napoleão em diversas regiões não levou a esses lugares apenas um novo tipo de governo, mas os ideais da Revolução Francesa, que influenciaram também alguns pensadores do mundo muçulmano: *liberté, égalité, fraternité*. Embora a intenção de Napoleão, segundo alguns autores, não fosse acabar com o fator religioso na sociedade, o próprio slogan da revolução francesa se contrapõe ao nome Islã (que significa submissão):

Napoleão lhes assegurou que não era um cruzado moderno e pediu-lhes que tranquilizassem quem pensava que ele estava ali para destruir a religião: [Digam] que vim para restaurar seus direitos, tomados por usurpadores; que adoro Deus mais que os mamelucos e respeito o profeta Maomé e o nobre Alcorão. Digam que todos os homens são iguais diante Deus e que só a inteligência, a virtude e a ciência os distinguem. (Armstrong, 2001, p. 135-136)

Ao contrário do imperialismo, que ficou restrito aos europeus, o nacionalismo foi um movimento ocidental que também ocorreu no Oriente, porém com grandes diferenças. Enquanto o nacionalismo europeu buscava a secularização, o nacionalismo do Oriente Médio não seguiu a mesma linha de pensamento, pois a religião era vista como um fator importante para manter vivo o sentimento do pan-arabismo.

1. Aos fundamentos

Destacaremos alguns fatos que foram marcantes para o início do fundamentalismo muçulmano: Primeiramente, a secularização da Turquia após a Primeira Guerra Mundial durante o governo de Mustafa Kemal Atatürk. Este processo aboliu o sistema de califado² e desencadeou alguns movimentos contrários, como por exemplo, a rebelião liderada pelo sheikh Said em 1925, que buscava resgatar o sistema de califado baseado na união entre Estado e Religião (Demant, 2004). No Egito, o governo de Gamal Abdel Nasser entre 1956 e 1971³também promoveu alguns choques culturais devido a abertura de mercado e sua aproximação com os Estados Unidos (Lewis, 2002). No entanto, foi no governo de Muhammad Anwar Al Saddat que o movimento fundamentalista ganhou mais força, desencadeando uma série de atentados contra o governo inclusive resultado no assassinato de Saddat.

Este processo de secularização e de aproximação com a cultura ocidental impactou o mundo muçulmano, criando em algumas comunidades a necessidade de uma volta às escrituras e à prática da *Sharia*. A necessidade de pregar o Islã a todos os infiéis e estabelecer um reino de paz - a Casa do Islã, ou *Dar al Islam* - ganhou força, pois brevemente seria o Juízo Final. Neste ponto, temos uma grande semelhança entre os movimentos fundamentalistas islâmico e protestante, que é o objetivo de pregar o livro sagrado como única regra de fê, de prática e de retornar às origens. Enquanto alguns se moviam para o futuro e a modernidade, os primeiros fundamentalistas islâmicos viam no passado a esperança de uma melhor forma de vida.

Assim como o fundamentalismo protestante destaca o princípio da inerrância da Bíblia⁴, o Corão também é tomado como base para o movimento fundamentalista no islamismo. Vários trechos das escrituras sagradas são utilizados como pretextos para ações extremistas do Islã. E do mesmo modo que alguns pastores fundamentalistas insistem em fazer uma leitura literalista das escrituras, fornecendo até mesmo algumas justificativas para a guerra. Para alguns grupos islâmicos que garimpam em meio às escrituras trechos como serão expostos a seguir⁵, podem motivar o espírito de luta entre o mal e o bem, entre os submissos e os idólatras, entre a Casa do Islã e a Casa da Guerra⁶:

2:190) Combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem, porém não pratiqueis agressão porque Deus não estava agressores.

2:191) Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave que o homicídio [...]

Nestas duas passagens acima, pode-se perceber um sentimento de revanchismo contra todos aqueles que agrediram e expulsaram os seguidores de Allah. De fato, os muçulmanos foram agredidos e expulsos em várias ocasiões. Entretanto, estes trechos podem ser reflexos do momento em que Muhammad e os primeiros seguidores estavam sendo perseguidos em Medina. Outras passagens também demonstram o mesmo sentimento:

2:193) E combatei-vos até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus [...]

9:5) Mas quanto os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-vos, acossai-os, porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o “zakat”⁷

Nesta última citação, ao mesmo tempo em que é pregado o ataque violento aos idólatras, também é pregado o perdão para aqueles que se “arrependem” e aceitam o Islã como única religião verdadeira. Obviamente, não são apenas estes trechos que movimentaram a ação fundamentalista violenta. Também é possível perceber que o Islã deve combater somente de modo reativo, numa guerra de defesa e não de agressão:

O *Jihad*⁸ menor na figura de combate é de caráter defensivo e não de uma agressão arbitrária. Deus nos orienta a não iniciarmos qualquer ato de agressão ou de hostilidades e nem violarmos os direitos de outras pessoas. Logo, o Islã veio disciplinando isso. (Isbelle, 2008, p. 52)

Importante destacar que o fundamentalismo muçulmano abrange as duas principais vertentes do Islã. Xiitas e Sunitas partem de pressupostos diferentes que fundamentam este movimento conforme descreveremos a seguir:

- a) O fundamentalismo na versão Sunita prega a volta às raízes, aos tempos antigos, em que o profeta vivia; à restauração da comunidade original “*umma*”; o “*Jihad*” contra lideranças pseudo-muçulmanas. Tudo isso com a

mesma tática utilizada pelo profeta Muhammad, ou seja, através das armas. Pode-se destacar Sayyid Qutb (1906 – 1966), que foi um pensador muçulmano defensor da necessidade de limpeza da sociedade muçulmana de todo vestígio ocidental. Ele também discursava contra os Estados muçulmanos que aplicavam leis não provenientes da “*Sharia*”. Alguns autores indicam que a ideologia de Sayyid Qutb influenciou a atuação de Osama bin Laden⁹.

- b) O fundamentalismo na versão Xiita (Irã e alguns países vizinhos) irá se preocupar com o literalismo na interpretação do Corão e com a necessidade de salvar a religião das deturpações que, supostamente, ocorreram no decorrer dos anos. Esta preocupação foi explicitamente demonstrada durante os anos 20 e 30, quando vários túmulos “sagrados” foram destruídos, uma vez que a respectiva preservação dos mesmos gerava a idolatria. O Ayatollah Khomeini faz parte desta linha e teve grande importância para o movimento Xiita. Khomeini foi o principal crítico opositor do regime do Xá no Irã. Outras questões “teológicas” diferem os Sunitas¹⁰ dos Xiitas, mas que não impactam em um estudo sobre a política islâmica.

Observa-se que ambas as versões fundamentalistas possuem convergências, como, por exemplo, a preocupação com o resgate do sagrado. Pode-se, no entanto, dizer que os Sunitas se demonstram mais preocupados em aplicar as instruções de profeta Muhammad através das Sunas¹¹, enquanto os Xiitas estão preocupados com as instruções do Corão e pureza da religião, ou seja, maior ênfase no afastamento do mundo secular e até mesmo das outras formas de islamismo.

2. A Casa da Paz – *Dar al Islam*

Mediante o exposto, poderemos trazer reflexões sobre o conceito de guerra e paz para o islamismo. Constantemente, ouvimos algumas afirmações sobre o fundamentalismo muçulmano repletas de severas críticas e conceitos infundados. Mas, afinal, de onde vem a construção ocidental do orientalismo que não é capaz de distinguir claramente os tipos de islamismo? O que seria a Casa da Paz ou a Casa

do Islam?

Para responder a estas questões utilizaremos primeiramente os textos de Edward Said, grande crítico literário de origem árabe, que lecionou nas mais influentes universidades norte-americanas. Para Said, em sua obra *Orientalismo*¹², há uma falta de entendimento sobre o que é ser oriental, principalmente quando se trata do Oriente Próximo.

O orientalismo não só cria, mas igualmente mantém, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente. (Said, 2007, p. 41)

Esta imagem negativa foi construída há séculos, desde as primeiras viagens dos europeus para o Oriente Médio, como analisamos anteriormente. As diferenças culturais eram grandes. Costumes, língua e religião formavam um abismo entre as culturas (de europeus e árabes e, posteriormente, dos turcos). O comércio lhes unia, assim como o interesse europeu pelo exótico também promovia relações entre os povos. Mas, de fato, o sentimento de superioridade europeia promoveu a construção documental e imaginária de um oriente “atrasado e brutal”. “Todo orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente do que do Oriente” (Said, 2007, p. 52).

Assim, percebemos que a má compreensão do mundo muçulmano e do mundo árabe deve-se a um processo histórico de documentações e representações. Uma construção marcada pelas afirmações das diferenças: somos (ocidente) civilizados, eles (oriente) são bárbaros; somos cristãos e eles são infiéis. Até mesmo os filmes de Hollywood¹³ deixam claramente a dualidade entre bem e o mal, representada por Ocidente e Oriente.

Um conceito pouco discutido no Ocidente é sobre o que seria a Casa da Paz – o Dar al Islam – e qual o modelo idealizado por estudiosos muçulmanos deste tipo de sociedade. Analisando qual a ética que seria vigente nesta sociedade, podemos compreender como seria hipoteticamente a Casa da Paz em sua plenitude. Há duas visões sobre a constituição do Dar al Islam, conforme comenta Isabelle (2008, p. 41). A primeira versão diz que o Dar al Islam é consolidado quando uma nação muçulmana está sobre regência de um líder muçulmano e as leis da nação

baseadas no Corão e na Sharia.

Por outro lado, a segunda versão afirma que não é necessário estar sob liderança e sob leis muçulmanas, mas o *Dar al Islam* pode ser vivido em terras não muçulmanas que respeitem as crenças do Islã, proporcionando liberdade religiosa e direitos civis comuns. Ambas as versões demonstram que o *Dar al Islam* é um estilo de vida desejado pelos muçulmanos e que dentro dele há uma ética própria, por sua vez pouco é conhecida. Por este motivo, exploraremos qual ética estaria em vigor nesta forma de viver.

2.1. O Islã é uma religião violenta?

Seria contraditório dizer que a Casa da Paz é a favor da violência. Esta afirmação vem tomando corpo a cada ato terrorista veiculado pela mídia e redes sociais. Mas não é feita nenhuma ressalva sobre em qual origem político-religiosa os ataques surgiram. Os grupos terroristas são uma minoria dentro do Islã. Não se pode generalizar este conceito e nem atribuir toda responsabilidade à religião muçulmana. É importante ressaltar que os atos terroristas são condenados pela maioria dos muçulmanos, sendo ações contrárias aos princípios Ethos que o Corão descreve:

O Alcorão diz: “Combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem; porém não provoqueis, porque Deus não estima os agressores¹⁴[...] A guerra, portanto, é último recurso e está sujeita às condições decretadas pela lei sagrada. (Hayek, 2001, p. 26)

2.2. O Islã é intolerante?

Ao analisar os textos do Corão, há momentos em que são mencionadas intolerâncias com as religiões, em outras passagens, a tolerância é pregada. Estas diferenças de posicionamentos podem ser reflexos do momento que islamismo primitivo vivenciava, e deve ser levado em consideração para uma hermenêutica do texto. Em momentos de paz, certamente é possível a tolerância:

Vejamos o que nos relata o Alcorão da maneira que devemos divulgar o Islã e tratar os não muçulmanos: “Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, Ter-se-á apegado a um firme e

inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo”¹⁵ e “Convoca (os humanos) à senda do teu Senhor com sabedoria e a uma bela exortação; dialoga com eles de maneira benevolente, porque teu Senhor é o mais conhecedor de quem se desvia da Sua senda, assim como é o mais conhecedor dos encaminhados”. (Isbelle, 2008 p. 65)

Devemos ressaltar também que muçulmanos permitiram a convivência pacífica entre judeus e cristãos na cidade de Jerusalém durante o século VII (Armstrong, 2011) – uma característica do *Dar al Islam*, pois sua compreensão de sagrado não implicava no afastamento de estrangeiros. Por outro lado, judeus na Antiguidade resistiram a uma convivência pacífica com povos de outro credo. Mais tarde, o cristianismo, durante as cruzadas também foi contra esta convivência ecumênica em várias regiões da Europa.

Os islamistas haviam criado um sistema que permitiu, pela primeira vez, a convivência de judeus, cristãos e muçulmanos em Jerusalém. Desde que os judeus retornaram do exílio da Babilônia, os monoteístas passaram a veicular a santidade da cidade à exclusão de estrangeiros. Os maometanos, porém, tinham uma ideia mais abrangente do sagrado: a coexistência das três religiões de Abraão, cada qual ocupando um espaço próprio e realizando os cultos em templos próprios, refletia sua visão de continuidade e da harmonia de toda religião corretamente orientada, que só podia derivar de um único Deus. (Armstrong, 2011, p. 303)

Com este vasto campo pouco explorado pelo Ocidente, logo percebe-se uma falta de compreensão sobre o Oriente e, principalmente, falta distinguir as subculturas que existem dentro da rica cultura oriental. Realmente, a complexidade de uma civilização impede a elaboração de uma teoria única para definir a mesma. Na prática é necessário ter cuidado com as generalizações ao relatar algo sobre o islamismo, já que não se pode pensar em um Islã monolítico. Na verdade, há vários tipos de comportamentos sociais que professam a fê islâmica. Certamente, há diferenças entre ser muçulmano no Egito e ser um muçulmano no Irã, como também há diferenças entre ser terrorista e um fundamentalista que somente quer preservar a sua fê. Estas diferenças não são muito claras para grande parte da sociedade ocidental. Por isso, é necessário diferenciar o que a grande população da religião muçulmana pratica dos atos isolados e extremados que se tornaram

grandes devido à mídia ocidental.

2.3. Casa da Guerra – *Dar al Harb*

A Casa da Guerra é o oposto do *Dar al Islam*, que também pode ser compreendida de duas maneiras. A primeira, que no *Dar al Harb* está toda nação não muçulmana que é hostil ao Islã e que não permite a liberdade religiosa dos fiéis. E a segunda forma de entendimento é que no *Dar al Harb* está toda nação nas quais os muçulmanos são perseguidos, podendo ser até mesmo um país onde eles sejam a maioria¹⁶. O *Dar al Harb* pode ser entendido como toda forma de governo que oprima o povo muçulmano e este deverá ser combatido baseando-se em “Combatei, pela causa de Deus aqueles que vos combatem”¹⁷. Partindo deste aspecto poderemos elencar algumas características de *Dar al Harb* vistas pelos muçulmanos radicais no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos.

Antes desta análise, é necessário citar que também há uma falta de compreensão do Ocidente no Oriente. Assim como o Ocidente criou imagens equivocadas, massificando estereótipos negativos sobre os povos árabes, o contrário também é verdadeiro. Constantemente a mídia árabe se refere ao Ocidente como a Casa da Guerra e seus líderes como parceiros de Satã. Isso fica evidente no documentário *Obsession: Radical Islam's War Against the West*, que compila alguns comerciais veiculados na mídia árabe muçulmana. Com essa devida ressalva, podemos encontrar elementos que colaboram para que as potências do Ocidente sejam consideradas como *Dar al Harb*.

A característica mais nítida de *Dar al Harb* é a perseguição ao povo muçulmano, que pode se dar de diversas formas, dependendo totalmente da interpretação do que se julga perseguido. Podemos citar o caso da proibição das burcas na França com a seguinte afirmação de Sarkozy: “A burca não é um símbolo religioso, é um símbolo da subjugação das mulheres”¹⁸. Semelhantemente, há o caso das construções de minaretes¹⁹ que foram proibidas na Suíça com apoio da população (57% dos votos)²⁰. Estas duas questões são de grande polêmica e muito debatidas entre líderes políticos e religiosos. Mas, certamente, ao verem anulada uma prática do islamismo, alguns podem considerar a ação como uma perseguição

à religião. Com isso, os mais extremados encontram espaço para defender sua ideologia de que estes países fazem parte de *Dar al Harb*. Entretanto, a França e a Suíça tomaram tais medidas com justificativas seculares, no caso do governo francês a justificativa foi para facilitar a identificação do indivíduo e prevenir um atentado, enquanto o governo suíço a justificativa foi que o símbolo representa o islã político²¹.

Estes dois casos citados são fatos após os atentados ao *World Trade Center*. No entanto, temos os embargos econômicos e a presença militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico que também são fatos considerados inaceitáveis pelo movimento fundamentalista radical.

Estes dois casos podem ser analisados com a perspectiva do Corão como uma agressão de *Dar al Harb*. Em relação ao embargo econômico sofrido desde a Guerra do Golfo²², podemos citar algumas *Sunas*²³ que condenam o aprisionamento de mercadorias e manipulação de preços.

Disse o profeta Muhammad (Que a benção e a paz de Deus estejam sobre ele): “Aquele que apreender uma mercadoria está cometendo um erro”. (Compilado por Musslim e Ibin Mája) e disse também o profeta: “Aquele que interfere nos preços dos produtos dos muçulmanos com o fim de elevá-los merece que Deus o faça sentar-se no fogo no dia do Juízo Final”. E disse: “Aquele que retirar um alimento do mercado por quarenta dias está se afastando de Deus e Deus está se afastando dele”. (Isbelle, 2008, p. 113)

A presença militar dos Estados Unidos em território muçulmano também pode ser considerada como uma ação de *Dar al Harb*, pois trata-se de uma nação em terra muçulmana – que deveria ser a de *Dar al Islam* – que os hostiliza, segundo a visão de alguns muçulmanos. Sami Isbelle comenta sobre as ocupações de estrangeiros:

No entanto, o Islã estabelece que a paz é alcançada com a verdade e a justiça. Existem situações em que não podemos apenas ficar parados e permitir que os nossos opositores, por exemplo, invadam nossas terras, ocupem nossas casas e, simplesmente, digamos que perdoamos, podem ficar e nos dominar. Nesse tipo de situação, devemos defender-nos e evitar um mal maior [...] (Isbelle, 2008, p. 57)

Com isso, podemos concluir que não é difícil vincular potências ocidentais ao

termo *Dar al Harbe*. Um exemplo dessa interpretação é a *Fatwa*²⁴ divulgada em 1998 com o título “Declaração da frente islâmica mundial para o *Jihad* contra Judeus e Cruzados”.²⁵ A declaração foi assinada pelo xeque Osama Bin Muhammad Bin Ladin, por Aynab Al-Zawahiri, líder do grupo Islâmico do Jihad no Egito, Abu-Yasir Rifa’i Ahmad Taha, um líder do grupo islâmico, o xeque Mir Hamza, secretário do Jami’ at-ul- Ulama-i-Pakistan, e Fazlur Rahman, líder do movimento do Jihad em Bangladesh. Destacamos que a *Fatwa* é um parecer político-religioso que não possui validade em todo o mundo muçulmano.

Primeiro, por mais de sete anos, os Estados Unidos têm ocupado as terras do Islã no mais sagrado dos lugares, a Península Arábica, pilhando suas riquezas, impondo aos seus governantes, humilhando o seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em uma ponta de lança através da qual combatem os povos muçulmanos e vizinhos.

A melhor prova disso é a contínua agressão americana contra o povo do Iraque, utilizando a Península como base. E mesmo que todos os governantes sejam contra a utilização para tal fim estão desamparados. Em segundo lugar, apesar da grande devastação imposta ao povo do Iraque pela aliança entre Cruzados e Sionistas e apesar do grande número de mortos (mais de um bilhão), apesar de tudo isso, os norte-americanos estão mais uma vez a repetir os horríveis massacres, posto que não estejam satisfeitos com o bloqueio prolongado imposto após a feroz guerra ou com a fragmentação e a devastação. Sobre estas bases, e de acordo com as ordens de Deus, divulgamos a seguinte *Fatwa* a todos os muçulmanos:

A ordem de matar os norte-americanos e seus aliados, civis e militares, é um dever individual para todo muçulmano que possa fazê-lo em qualquer país no qual seja possível fazê-lo, no sentido de libertar a Mesquita de Al-Aqsa²⁶ e a sagrada Mesquita²⁷ de seu domínio, e para que seus exércitos retirem-se de todas as terras do Islã, derrotados e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras do Todo-Poderoso Deus, “e combatei unidos os pagãos, como eles combatem unidos contra vós” [...] Nós – com ajuda de Deus – conclamamos a todos os muçulmanos que acreditam em Deus e desejam ser recompensados a cumprir as ordens divinas para matar os norte-americanos e pilhar seu dinheiro onde quer e quando sejam encontrados.

Percebemos nesta *Fatwa* que há certas generalizações e que não é levado em conta os milhares de muçulmanos que vivem pacificamente e sem perseguição nestes países, desfrutando dos benefícios sociais oferecidos pelos governos locais, que por sua vez cobram o cumprimento das leis que regem o país. Por isso, percebemos que há uma grande tendência de generalizações das duas partes,

sempre dando maior ênfase ao lado negativo. Assim como na Bíblia cristã, na qual alguns versículos podem gerar inúmeras interpretações, o Corão também permite essa opção e se torna um instrumento nas mãos de poucos radicais que tentam nomear como *Dar al Harb* outras nações, justificando o combate contra elas.

Conclusão

Mediante ao exposto, percebemos as diversas vertentes deste tema que o torna extremamente complexo. A visão construída do ocidente sobre o oriente, por muitas vezes, dificulta uma compreensão mais ponderada sobre tal fenômeno. Evidentemente, o contrário também é verdadeiro, pois também há um distanciamento da visão do oriente árabe sobre o mundo ocidental. Contudo, podemos afirmar que o fundamentalismo não pode ser considerado como sinônimo de terrorismo. Assim como no movimento protestante, o fundamentalismo busca retomar alguns valores considerados pilares para uma vida mais adequada aos princípios religiosos. Também é possível identificar que, de acordo com uma leitura fundamentalista do Corão, não é difícil vincular as potências ocidentais ao *Dar al Harbe*, no entanto, as ações violentas de grupos radicais que fazem tal leitura não são reflexos apenas do fator religioso, mas de uma série de fatores históricos que também contribuíram para este conflito.

Referências

- ALCORÃO SAGRADO, tradutor, Alcorão Sag Samir El Hayek rado. São Paulo: Tangará, 1975.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Jerusalém: uma cidade três religiões*. Companhia das Letras, 2011.
- DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FARUQUI, Isamil Raji al. *At Tauhid (o monoteísmo): Suas implicações para o pensamento e a vida*. [s.n.t].
- HAYEK, Samir El. *Compreenda o Islam e os Muçulmanos*. São Bernardo do Campo: Ed. Junta de Assistência Social Islâmica Brasileira, 2001.
- HOURLANI, Albertt. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ISBELLE, Sami Armed. *O Estado islâmico e sua organização: Sistema político, sistema econômico, sistema jurídico, sistema penal, conceito de Jihad*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2008

LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ORNELAS, Cesar Vinícius Alves. *A sedução da intolerância: fundamentalismo e fundamentalismos de um século em construção*. São Paulo: Religião e Cultura, 2002, p.20.

ORTUNES, Leandro. *O Terror e a Mídia: O neoconservadorismo norte-americano e o islã radical*. São Paulo, 2013, 235 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PACE, Enzo; STEFANI, Pietro. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2008.

SAID, Edward. *Cultura e Política*. Shpaão Paulo: Boitempo, 2003.

SAID, Edward. *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Cia das Letras, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 69-80.

VASCONCELLOS, Pedro de Lima. *Fundamentalismos: Matrizes, presenças e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008.

WEINGARTNER, Jayme. *A Edificação Constitucional do direito fundamental à liberdade religiosa: Um feixe jurídico entre a inclusividade e o fundamentalismo*. Porto Alegre, 2006, 576 f. Tese (Doutorado em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹ TEIXEIRA, Faustino. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.73.

² Sistema de governo político e religioso com a presença de um Califa.

³ Entre 1958 e 1970 o governo de Nasser engloba a República Árabe Unida extinta

⁴ Segundo o fundamentalismo protestante os textos descritos na Bíblia são a reproduções literais da voz da divindade que inspirou os escritores, não havendo qualquer erro cronológico ou histórico nos relatos bíblicos.

⁵ Fonte: Samir El Hayek, tradutor, Alcorão Sagrado. São Paulo: Tangará, 1975.

⁶ Termo adotado para designar os povos adeptos do Islã, como Casa do Islã, e os povos não adeptos, como Casa da Guerra.

⁷ Sistema de doação de parte da riqueza semelhante ao dízimo cristão e judeu.

⁸ Jihad significa esforço. É um termo utilizado para dois conceitos: primeiro, de luta interior contra os pecados; segundo, de esforço para promover a fé muçulmana. Atualmente, este termo sofreu deturpações na mídia ocidental vinculando o mesmo com a Guerra Santa.

⁹ Fonte: Jornal New York Times, escrito por: Paul Berman, publicado em março de 2003. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/03/23/magazine/the-philosopher-of-islamic-terror.html?pagewanted=1>>. Acesso em: 08/04/2011.

¹⁰ A palavra Sunitas vem da raiz Suna, que são relatos sobre a vida prática do profeta Muhammad.

¹¹ Os Sunitas utilizam os *ahadith* (Sunas) para se orientar em sua vida cotidiana, já os Xiitas não aceitam todas as Sunas como base para a vida social.

¹² Orientalismo, para Said, é toda obra literária ocidental que tenta descrever o Oriente e sua organização social. Estas obras formaram um conhecimento comum no Ocidente sobre o Oriente, conhecimento que se desprende de seu verdadeiro objeto e distorceu alguns valores da cultura oriental.

¹³ O documentário *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*, de Jack Shaheen, elenca várias cenas de filmes de Hollywood que mostram árabes como malvados, sujos e entregues à luxúria.

¹⁴ Alcorão 2:190

¹⁵ Alcorão 2:256

¹⁶ Cf. Isabelle, 2007, p.41.

¹⁷ Alcorão 2:190.

¹⁸ Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,burcas-nao-tem-lugar-na-franca-diz-sarkozy,391152,0.htm>> Acesso em: 19/12/2014.

¹⁹ Minarete é uma torre que faz parte das mesquitas muçulmanas. Nela é realizada a chamada para as orações diárias.

²⁰ Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,suica-aprova-proibicao-a-minaretes-e-gera-protestos,473989,0.htm>> Acesso em: 20/12/2014.

²¹ Entrevista disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2911200909.htm>>. Acesso em: 03/06/2015.

²² Algumas flexibilizações de comércio foram cedidas ao Iraque desde a aplicação do embargo econômico em 1990 até a aprovação da resolução 1.483 que coloca um fim no embargo.

²³ Texto que comenta sobre a vida de Mohamad fornecendo exemplos práticos das aprovações e reprovações de conduta feitas por Mohamad.

²⁴ Pronunciamento legal de especialistas islâmicos que definem um posicionamento do Islã sobre um assunto ou fato.

²⁵ Fonte: NassBayanal=jabha al-islamiya al-Alamiya li-Jihad ak-Yahudwa-al-salibiyin. In: Al-QussAl'Arabi em 23 de fevereiro de 1998. Traduzido pelo Grupo Klautu, com supervisão de Peter Demant (2002)

²⁶ Mesquita de Jerusalém. Cf. tradução supervisionada por Peter Demant, 2002.

²⁷ Mesquita de Meca. Cf. tradução supervisionada por Peter Demant, 2002.

Recebido em 23/05/2015, revisado em 16/06/2015, aceito para publicação em 18/07/2015.